



## RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Dando cumprimento aos preceitos legais e estatutários, vem o Conselho de Administração da **Médias - Companhia Portuguesa de Seguros de Saúde, S.A.** submeter à apreciação da Assembleia Geral o Relatório e Contas referente ao exercício findo em 31 de Dezembro de 2008.

### 1. Enquadramento Geral da Actividade

#### *Enquadramento económico e financeiro*

##### **Economia Internacional**

Este ano fica definitivamente associado à propagação da crise do mercado de crédito hipotecário de alto risco norte-americano a demais segmentos de mercado, geografias e sectores económicos. A instabilidade financeira tornou-se denominador comum nos mercados e a degradação na actividade económica disseminou-se a países de elevado crescimento. A acção dos efeitos da globalização, mas em reverso, amplificou ajustamentos e precipitou a economia mundial num clima de incerteza e de aversão ao risco complexo e de difícil erradicação. O agravamento vertiginoso da conjuntura e o enraizar de um ciclo vicioso de reforço de estímulos negativos entre sector financeiro e actividade económica suscitou a intervenção coordenada de governos, bancos centrais e outros agentes económicos, através da adopção de políticas de estímulo à actividade e de suporte aos mercados financeiros sem precedentes que deverão começar a surtir efeitos ao longo do próximo ano. Contudo, não deverão evitar um ano de fraco crescimento económico mundial e de pressões desinflationistas, num entorno muito complexo e delicado no plano social, político e institucional.

Depois de vários anos de crescimento económico consistente a economia mundial enfrenta o risco de recessão e de deflação. As principais economias deverão registar uma contracção do PIB na ordem de 1% a 2%, em termos reais, em 2009 e as economias em desenvolvimento verão o seu contributo para o crescimento económico mundial substancialmente diminuído. Estima-se um aumento real do PIB mundial medíocre pelo padrão histórico. Num ambiente caracterizado pela redução da disponibilidade de fundos e de elevada aversão ao risco, economias mais dependentes dos fluxos de financiamento externo, na forma de investimento de carteira, investimento directo estrangeiro ou transferências públicas tenderão a apresentar uma maior dificuldade na sustentação dos ritmos de crescimento anteriores.

(variação em %)

#### **Crescimento real do PIB Desempenho e projecções**

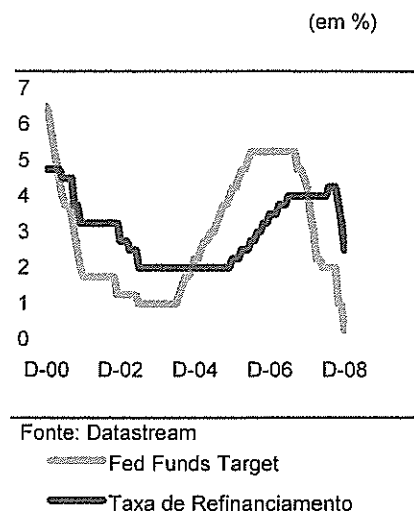
	2007	2008	2009
Ec. Mundial	5,00	3,70	2,20
Ec. Desenvolvidas	2,60	1,40	-0,03
EUA	2,00	1,40	-0,70
UEM	2,60	1,20	-0,50
Japão	2,10	0,50	-0,20
Ec.Desenvolvimento	8,00	6,60	5,10
China	11,90	9,70	8,50
Índia	9,30	7,80	6,30
Rússia	8,10	6,80	3,50
Brasil	5,40	5,20	3,00

Fonte: FMI, actualização de Novembro

A política económica ao longo do quarto trimestre de 2008 adoptou uma postura de claro suporte à actividade económica, com intervenções directas em sectores mais vulneráveis. Findas as preocupações com as pressões inflacionistas e perante um ritmo de degradação intenso da actividade, os bancos centrais reduziram as taxas de juro de forma expressiva. No caso dos EUA e do Japão, para valores em torno de 0%, noutros países assumindo a possibilidade de seguir idêntico caminho ou, pelo menos, reduzir os níveis de taxas também de forma substancial. O deficiente funcionamento no mecanismo de transmissão monetária obrigou à adopção de políticas inovadoras. Enfrentando riscos sistémicos relevantes, e com o intuito de atenuar a fraca liquidez do mercado interbancário, os bancos centrais reformatarem a sua actuação no âmbito, forma, prazos e montantes de cedência de liquidez e estenderam a sua intervenção a outros mercados, incluindo a aquisição directa de títulos de dívida de prazo mais longo e emissão monetária alargada. A crescente integração dos mercados financeiros exigiu uma maior coordenação nas medidas tomadas e a implementação de mecanismos de apoio transnacionais, quer na disponibilização de liquidez em moeda estrangeira quer na ajuda financeira directa para fins de estabilização macroeconómica em alguns países europeus e asiáticos.

### Reduções agressivas nas taxas de juro

**Evolução das taxas directoras nos EUA  
(Fed Funds target) e na área do euro  
(taxa de refinanciamento principal)**

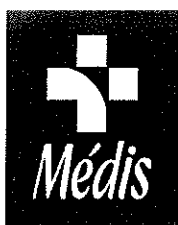


### Recessão no final de 2008, riscos para 2009 e esperanças para 2010

Os últimos meses de 2008 registaram um dos períodos de maior instabilidade dos mercados financeiros das últimas décadas, acompanhado por uma sincronização invulgar no grau de arrefecimento, acentuado, da actividade económica na generalidade dos países, com particular acuidade no comércio mundial. Perante a instantaneidade destes movimentos, o ajustamento nos planos de produção e a concomitante revisão de estratégias de negócio deverão acentuar-se ao longo dos primeiros meses de 2009, com repercussão negativa nos níveis de emprego, limitando no imediato uma melhoria da conjuntura. A actuação de estabilizadores automáticos, como a retracção no preço das matérias primas, a redução agressiva das taxas de juro e as medidas de intervenção directa em sectores económicos mais debilitados deverão contribuir para uma retoma económica e para a normalização do comportamento dos mercados financeiros a prazo, mas não são isentas de risco e com desafios importantes e invulgares na retoma do público pelo privado.

Um enquadramento de débil crescimento económico, relativamente disseminado e com risco de agravamento apresenta-se propício à intensificação da concorrência e, eventualmente, à ocorrência frequente de fricções geo-políticas, dado o apelo a uma

P. 27



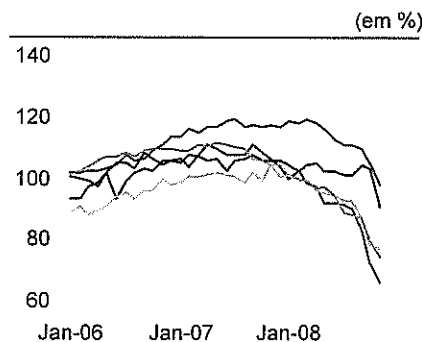
maior intervenção do Estado nas economias. Nestas circunstâncias, o comércio externo, a política cambial, ajudas ao desenvolvimento poderão retomar um estatuto proeminente na ordem económica e política mundial.

### Debilidade das Economias Europeias

As principais economias europeias apresentaram um abrandamento muito pronunciado no final do Verão, à medida que se intensificou a quebra nos fluxos de comércio mundial e se agravaram as condições financeiras nos mercados internacionais. As condições económicas no final de 2008, aferidas pelos indicadores de conjuntura, regrediram para níveis de há 20 anos. Ao mesmo tempo, os indicadores de inflação, contemporâneos e prospectivos, evidenciaram uma alteração dos riscos para a estabilidade dos preços de sentido contrário. Nestas condições, o Banco Central Europeu inverteu a estratégia, procedendo a várias reduções nas taxas directoras, de 4,25% em Julho para 2,5% no final do ano, tendência que se espera se mantenha no primeiro semestre. Para 2009, a procura interna apresenta limitações relevantes de crescimento: o receio de desemprego ameaça o consumo, a incerteza atenua a propensão para o investimento, os mercados exportadores apresentam-se fragilizados e a concorrência intensifica-se. Com um sector privado condicionado na capacidade de resposta, o impulso do crescimento reside na evolução dos gastos e investimento públicos, conforme os planos de estímulo negociados, em função da folga financeira disponível em cada estado membro.

### Retracção repentina na actividade económica nas economias domésticas europeias

Índices de Sentimento Económico da Comissão Europeia



Fonte: Datastream

Polónia Grécia  
Roménia Portugal  
Área do Euro

As economias domésticas foram afectadas negativamente pela conjuntura global desfavorável, com efeitos indirectos no nível de procura externa dirigida às empresas, e pela maior restritividade nas condições financeiras enfrentadas, contexto ampliado pelas debilidades económicas estruturais de alguns destes países: em Portugal e na Grécia, dificultando o financiamento regular dos elevados défices externos; nas economias da Europa de Leste pela reversão das estratégias de investimento de carteira de curto prazo; nas economias africanas pela alteração nas condições favoráveis presentes nos últimos anos nos mercados das matérias-primas.

P. 811



## A Economia Portuguesa

A economia portuguesa terá registado um fraco crescimento em 2008, com o PIB praticamente a estagnar, em termos reais, face ao ano anterior. O crescimento tem-se apresentado muito dependente do impulso e das condições externas, decorrente dos níveis de endividamento elevados do sector privado, da folga orçamental reduzida e da elevada dependência energética do exterior. Os ganhos de competitividade obtidos nos

(variação em %)

### Crescimento real do PIB Desempenho e projecções

	2008	2009	2010
EU27	1.40	0.20	1.10
Portugal	0.50	0.10	0.70
Polónia	5.40	3.80	4.20
Grécia	3.10	2.50	2.60
Roménia	8.50	4.70	5.00
Turquia	3.40	2.70	3.90
Africa Subsaariana	5.40	4.60	5.80
Moçambique	6.00	6.30	6.40
Angola	15.80	11.10	11.30

Fonte:

Comissão Europeia e Banco Mundial, actualização de Novembro

últimos anos são pouco expressivos para contrariar a quebra da procura externa, apesar do esforço de diversificação das exportações, quer em termos de mercados de destino quer na composição dos bens e dos serviços exportados. Deste modo, a capacidade para desenvolver um processo de retoma económica autónomo afigura-se limitado. Em contrapartida, a exposição directa a instrumentos financeiros complexos é reduzida e o crescimento económico, apesar de fraco, foi relativamente diversificado em termos sectoriais, pelo que o risco de sofrer um ajustamento específico é menor do que o enfrentado por outros países.

O cenário mais provável será de uma recessão, em linha com o desempenho médio esperado para a Área do Euro. O principal risco advém da capacidade do sistema financeiro manter o nível de captação de fundos no exterior para colmatar a insuficiência da poupança interna, por forma a suavizar a incontornável transição para um regime mais equilibrado em termos do financiamento do consumo e do investimento domésticos. À semelhança da Área do Euro, as pressões inflacionistas deverão ser moderadas ao longo de 2009, reflectindo em simultâneo os menores preços da energia e um contexto de ampla folga produtiva, vertido na manutenção de taxas de desemprego relativamente elevadas.

### *Enquadramento do Sector Segurador em Portugal*

O volume de prémios de seguro directo do mercado português em 2008 revelou um crescimento significativo relativamente ao ano anterior, cresceu mais de 12% e ascendeu a 15 mil milhões de euros, o equivalente a 9,1% do PIB português.

P. 21



Este rácio, em relação ao PIB, que exprime a penetração da actividade seguradora na economia, alcançou mesmo o maior valor de sempre, superando o nível médio da União Europeia, que em 2007 se cifrava em 8,7%.

#### Prémios de Seguro Directo (Milhões de euros)

Ramos	2008	2007	2006	2005	Var. 08/07	Var. 07/06	Var. 06/05
Vida	11.011,7	9.369,3	8.761,5	9.136,3	17,5%	6,9%	-4,1%
Não-Vida	4.323,8	4.381,6	4.361,3	4.307,9	-1,3%	0,5%	1,2%
<b>Total</b>	<b>15.335,5</b>	<b>13.750,9</b>	<b>13.122,9</b>	<b>13.444,2</b>	<b>11,5%</b>	<b>4,8%</b>	<b>-2,4%</b>

Fonte: Associação Portuguesa de Seguradores.

O volume de negócios do sector segurador foi, uma vez mais, impulsionado pela expansão de cerca de 18% no segmento Vida, onde o total dos prémios atingiu os 11 mil milhões de euros. Para esta evolução, pesaram muito positivamente os produtos PPR, cujos prémios ou contribuições aumentaram 45% (para perto de 2,5 mil milhões de euros).

Em sentido inverso ao do ramo Vida, evoluiu o volume dos prémios dos ramos Não Vida que atingiu 4,3 mil milhões de euros, caindo mais de 1%, com forte influência dos seus dois maiores ramos, Automóvel e Acidentes de Trabalho, que apresentaram mesmo evoluções negativas. Ambos condicionados pela fraca performance da nossa economia e por uma intensa concorrência entre os operadores deste sector de actividade.

Relativamente aos custos com sinistros de seguro directo Não Vida, registou-se até ao final do terceiro trimestre do ano, um crescimento de cerca de 2%, fruto de uma ligeira aceleração dos montantes pagos e de um decréscimo da variação da provisão para sinistros. O correspondente impacto na taxa de sinistralidade líquida de resseguro, do segmento Não Vida foi um agravamento de 0,8 pontos percentuais até Setembro de 2008.

O ano de 2008 veio reforçar a tendência registada em 2007 aumentando o grau de concentração no mercado segurador nacional, sendo que os cinco maiores grupos seguradores foram responsáveis por cerca de 74% dos prémios emitidos, o que compara com os 69% registados no final de 2007.

#### Análise dos Ramos Não Vida

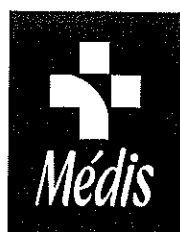
O volume de prémios de seguro directo no segmento Não Vida apresentou, face a 2007, um decréscimo na ordem dos 1,3%. Este comportamento surge como consequência do moderado crescimento económico verificado em 2008 e que já se tinha feito sentir em 2007, com um crescimento nominal de 0,5% e um crescimento real também negativo.

#### Prémios de Seguro Directo (Milhões de euros)

Ramos	2008	2007	2006	2005	Var. 08/07	Var. 07/06	Var. 06/05
Automóvel	1.809,7	1.943,9	2.003,4	1.997,4	-6,9%	-3,0%	0,3%
Ac. Trabalho	741,1	762,5	773,6	778,8	-2,8%	-1,4%	-0,7%
Incêndio	731,7	705,9	688,9	684,5	3,7%	2,5%	0,6%
Doença	486,8	440,5	408,4	372,4	10,5%	7,8%	9,7%
Ac. Pessoais	172,0	169,2	168,3	160,3	1,7%	0,5%	5,0%
Outros Ramos	382,4	359,6	318,7	314,6	6,3%	12,9%	1,3%
<b>Total</b>	<b>4.323,8</b>	<b>4.381,6</b>	<b>4.361,3</b>	<b>4.307,9</b>	<b>-1,3%</b>	<b>0,5%</b>	<b>1,2%</b>

Fonte: Associação Portuguesa de Seguradores.

P. 24



No segmento Não Vida, acentuou-se o decréscimo do volume de prémios de seguro directo do maior ramo – Automóvel – agora da ordem dos 7%, reflectindo a tendência de diminuição do prémio médio cobrado aos clientes e a redução das vendas no sector automóvel, ainda que quase 1/3 daquela queda se explique simplesmente pela alteração legislativa na contabilização da contribuição para o Fundo de Garantia Automóvel, antes integrada no prémio e actualmente, por imposição legal, cobrada como taxa parafiscal.

Mais grave, embora de menor dimensão, foi a descida verificada nos seguros de Acidentes de Trabalho (-3%), reflexo em parte da diminuição da actividade económica, mas que, muito provavelmente, não foi acompanhada de uma evolução em baixa dos custos com sinistros, do que decorrerá um novo agravamento da sua já elevada taxa de sinistralidade.

O seguro de Doença manteve o seu dinamismo apresentando um crescimento de prémios em torno dos 11%. É uma evolução que se enquadra bem numa tendência já com vários anos de existência, explicável pelas insuficiências e ineficiência do sistema de saúde público, pela crescente preocupação da população com o acesso aos cuidados de saúde e pela versatilidade, abrangência e acessibilidade deste tipo de seguros.

De resto, muitos outros ramos Não Vida tiveram até um comportamento satisfatório, em alguns deles não dissociável das próprias dificuldades económicas, que tendem a estimular a procura de protecção por via do seguro. É o caso dos seguros de crédito, instrumento que protege as empresas contra o risco de incumprimento por parte dos seus devedores, cujos prémios cresceram mais de 47% face ao ano anterior.

Relativamente aos custos com sinistros de seguro directo Não Vida, verificou-se um crescimento de cerca de 2% até ao terceiro trimestre de 2008 e face a igual período do ano anterior. Este agravamento é mais evidente nos ramos de Incêndio e de Outros. No ramo Automóvel, a taxa de sinistralidade permanece em contenção (-0,3 pontos percentuais), mas agora de forma bem menos expressiva do que até ao 1º semestre (-3,3 pontos percentuais).

#### Taxas de sinistralidade

Ramos	Jan-Set 2008	Jan-Set 2007	Jan-Set 2006	Jan-Set 2005	2007	2006	2005
Acidentes	75,4%	72,4%	67,9%	68,5%	77,2%	77,8%	71,4%
Doença	76,5%	77,4%	77,7%	77,0%	82,8%	84,4%	85,2%
Incêndio	50,9%	46,9%	46,7%	43,0%	46,9%	52,0%	43,1%
Automóvel	70,5%	70,8%	69,5%	70,1%	70,6%	69,3%	70,3%
Outros Ramos	59,6%	58,5%	54,4%	48,9%	57,5%	71,6%	56,1%
<b>Não Vida</b>	<b>69,5%</b>	<b>68,7%</b>	<b>66,9%</b>	<b>66,7%</b>	<b>70,1%</b>	<b>71,0%</b>	<b>68,4%</b>

Nota: Taxas calculadas sobre prémios emitidos. Os custos com sinistros incluem montantes pagos, variação da provisão p/sinistros e custos de gestão imputados. As taxas apresentadas são líquidas de efeito de resseguro.

## 2. Síntese Global da Actividade da Médias - Companhia Portuguesa de Seguros de Saúde, S. A.

No decurso do exercício em análise, a Médias prosseguiu o cumprimento dos objectivos estratégicos de incremento da rentabilidade do negócio, por via do crescimento do

P. 04



número de pessoas seguras e da garantia da representatividade junto da sua rede de prestadores.

No que respeita ao cumprimento de cada um dos objectivos estratégicos enunciados após a venda de uma parte da carteira em 2005, os resultados do exercício em análise podem ser considerados bastante positivos.

Assim:

- Número de Pessoas Seguras: a Médís alcançou no final do exercício cerca de 390 mil pessoas seguras sob gestão, das quais perto de 133 mil decorrentes da diversificação de canais de distribuição, consubstanciada na disponibilização de oferta não intermediada a clientes Empresa de média/grande dimensão, e oferta intermediada através dos maiores e mais prestigiados brokers a operar em Portugal. Através do canal Millennium bcp, a Médís atraiu aproximadamente mais 40 mil novas pessoas seguras, um crescimento de 8,1% face ao exercício anterior.

- Representatividade junto da Rede de Prestadores: a Médís continua a dispor da mais extensa, capilar e completa rede de prestadores de cuidados de saúde em Portugal, com cobertura em todo o território continental e regiões autónomas, além de acordos com 13 hospitais e clínicas em Espanha, que funcionam como integrados na rede nacional. A Médís manteve no essencial a dimensão da Rede e, na generalidade, as condições praticadas para os actos e procedimentos médicos garantidos pelas apólices.

- Rentabilidade do negócio: a Médís encerrou o exercício em análise com um resultado líquido de 3.268 milhares de euros.

### *Principais Desenvolvimentos em 2008*

- Introdução de novas coberturas na oferta de individuais, e fim da migração da carteira para os novos produtos;

- Alargamento da oferta através de outras seguradoras, com o arranque das parcerias com a AXA e Zurich;

- Investimento continuado na notoriedade na marca Médís, que continua a ser a marca seguradora, excepção feita aos operadores directos do ramo automóvel, com mais elevados índices de recordação em Portugal;

- Melhoria generalizada dos níveis de serviço, com desempenhos superiores aos dos exercícios anteriores.

### *Síntese da evolução económico-financeira*

Os **prémios brutos** emitidos atingiram em 2008 um volume de 102.657 milhares de euros, uma variação positiva de 17,1% comparativamente com o ano anterior, significativamente superior ao mercado, que cresceu cerca de 10,5% no ramo Doença. O crescimento da carteira *core* da Médís permitiu consolidar a segunda posição no ramo.

Por seu lado, os **custos líquidos com sinistros**, cifraram-se em 73.327 milhares de euros, evidenciando um acréscimo de 1,8 pontos percentuais na taxa de sinistralidade



do ramo Doença face ao ano 2007, mas situando-se ainda assim bastante abaixo do mercado.

O **resultado técnico** totalizou 3.571 milhares de euros, reflectindo um acréscimo de 5,8% face ao resultado técnico do exercício anterior e um rácio de 3,5% sobre os prémios brutos emitidos. De notar, no entanto, que a variação do resultado técnico face a 2007 foi significativamente limitada pela muito acentuada redução dos **proveitos financeiros técnicos**, em consequência da crise financeira internacional que se instalou nos últimos meses de 2008 e obrigou à realização de menos valias na carteira da companhia. De facto, os **proveitos financeiros técnicos** do exercício decresceram 88,7%, situando-se nos 138 milhares de euros face aos 1.225 milhares de euros registados em 2007. Retirando o efeito dos proveitos financeiros técnicos, o **resultado técnico** situar-se-ia em 2008 nos 3.433 milhares de euros, um crescimento de 59,6% face a aos 2.151 milhares de euros de 2007.

Os **gastos administrativos** situaram-se nos 7.541 milhares de euros. Tal representa um acréscimo de 19,3% face a 2007, ano em que se efectuou uma libertação extraordinária de provisões em Despesas de Conservação que reduziu o total desse exercício em 1.125 milhares de euros. Retirando este efeito, os gastos administrativos de 2008 subiriam 1,3% face aos do exercício anterior, o que contrasta com os 2,7% da inflação registada no ano.

O **rácio combinado** situou-se nos 93,2%, uma melhoria de 16 pontos percentuais face a 2007, continuando a reflectir uma gestão criteriosa dos sinistros aliada a uma política de controlo rigoroso dos custos administrativos.

Apesar do bom desempenho do **resultado técnico**, o **resultado antes de impostos** da Médis decresceu face ao exercício anterior, ficando nos 4.717 milhares de euros face aos 6.290 milhares de euros de 2007.

Esta variação negativa deve-se à redução de 1.043 milhares de euros nos **proveitos financeiros não técnicos**, fruto da crise financeira internacional, e a um decréscimo de 725 milhares de euros no saldo dos Outros Custos e Proveitos Não Técnicos, que em 2007 beneficiaram dos efeitos da Saúde 24 e da libertação de provisões para Juros de Mora relativas a Administrações Regionais de Saúde.

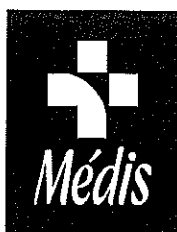
O **resultado líquido** após impostos cifrou-se em 3.268 milhares de euros.

O **activo líquido** da Médis cifrou-se em 63.155 milhares de euros e o **capital próprio** em 30.890 milhares de euros, um crescimento de 4,7% face ao exercício anterior. A cobertura do activo pelos capitais próprios cifrou-se em 48,9%. O **rácio de solvência** situou-se em 175%, no entanto, tendo em conta a proposta de aplicação de resultados apresentada e, após distribuição de dividendos, este mesmo rácio situou-se em 159% em 2008.

### 3. Proposta de Aplicação de Resultados

O resultado líquido de impostos da Médis Companhia Portuguesa de Seguros de Saúde S.A. foi de Euros 3.268.014,29 (três milhões duzentos e sessenta e oito mil catorze euros e vinte e nove centimos), considerando o que consta do relatório do Conselho de Administração e nos termos da alínea b) do n.º 1 do artigo 376º do Código das Sociedades Comerciais, propõe-se a seguinte aplicação:





- Euros 326.801,43 (trezentos e vinte e seis mil oitocentos e um euros e quarenta e três cêntimos) para reserva legal;
- Euros 2.900.000,00 (dois milhões e novecentos mil euros) para dividendos a distribuir;
- Euros 41.212,86 (quarenta e um mil duzentos e doze euros e oitenta e seis cêntimos) para resultados transitados.

#### 4. Perspectivas para 2009

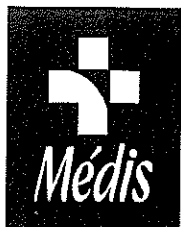
A Médias irá desenvolver a sua actividade num mercado que se irá caracterizar por:

- Envelhecimento gradual da população e crescimento do número de imigrantes;
- Crescimento económico negativo, em resultado de uma crise económica que já se confirmou como sendo uma recessão global, e que se poderá tornar numa depressão em alguns dos países mais desenvolvidos;
- Aumento do desemprego e contenção salarial o que, associado a um ambiente de incerteza e a níveis de confiança dos consumidores historicamente baixos, terá consequências potencialmente negativas na contratação de seguros não obrigatórios como os seguros de saúde;
- Contínuo aumento dos custos com Cuidados de Saúde, superando sistematicamente o crescimento do PIB;
- Pressão para a redução dos gastos públicos com a Saúde;
- Subida da procura de Cuidados de Saúde, potenciada pelo aumento da oferta e pela constante inovação médica;
- Crescimento do mercado de Seguros de Saúde abaixo dos 10%.

A actividade da Médias em 2009 e anos seguintes prosseguirá os seguintes objectivos:

- Assegurar a rentabilidade do negócio;
- Repor o número de pessoas seguras ao nível de 2004;
- Redimensionar a Rede de Prestadores Médias numa perspectiva de qualidade e ajustamentos geográficos.

Para tanto, a Médias irá reforçar o crescimento no segmento de agentes e *brokers*, aumentar os canais de distribuição por via do estabelecimento de novas parcerias com outras entidades, e comunicar com maior representatividade com o seu mercado potencial, com os actuais clientes e com os prestadores, por forma a consolidar a sua posição de liderança em inovação e criação de valor para o cliente e para o accionista, e a recuperar uma posição de liderança em quota de mercado, que historicamente tem sido sua.



## Referências

O Conselho de Administração expressa o seu agradecimento a todos aqueles que contribuíram para os resultados alcançados:

- Aos Clientes pela confiança que continuaram a demonstrar.
- Às Redes Bancárias pela forte motivação comercial manifestada.
- Aos Colaboradores que, com entusiasmo, participaram com a sua contribuição e esforço.
- Ao Instituto de Seguros de Portugal e à Associação Portuguesa de Seguradores pelo empenho que sempre demonstraram no desenvolvimento das Seguradoras.
- Aos Senhores Accionistas pela compreensão, apoio e confiança sempre manifestados.

Lisboa, 26 de Fevereiro de 2009

O Conselho de Administração,